Virgílio ataca "verborragia"

HELAYNE BOAVENTURA
DA EQUIPE DO **CORREIO**

Durante a negociação da CPMF no Senado, foi oscilante o discurso do presidente Luiz Inácio Lula da Silva em relação à oposição. Por vezes, ele disse confiar no espírito público dos senadores. Mas esta semana o presidente voltou à crítica. Definiu como "pobreza de espírito" a postura dos oposicionistas que derrubaram o tributo de olho nas eleições de 2010. A reação dos adversários veio ontem. O líder do PSDB no Senado, Arthur Virgílio (AM), cobrou de Lula respeito à soberania do Congresso e definiu como "verborragia" as declarações do presidente.

"O presidente acha que é pobreza de espírito batermos para reduzir a carga tributária? É pobreza de espírito lutarmos contra a gastança com dinheiro público? É pobreza de espírito insistirmos na sempre adiada reforma tributária? É pobreza de espírito o Senado recusar-se a se submeter aos ditames de outro poder? É pobreza de espírito negociar e aceitar compromissos do governo para aprovar a DRU?", questionou o líder, no site oficial do PSDB.

Arthur Virgílio cobrou do presidente respeito às decisões dos parlamentares. E ainda alertou que as declarações de Lula podem prejudicar negociações políticas no próximo ano. "Lula precisa respeitar a soberania do Congresso Nacional", reclamou. "Ele não pode imaginar que possui todos os poderes."

O presidente queixou-se da oposição na terça-feira, em café da manhã com jornalistas, mesmo dia em que o Congresso transformou em lei a prorrogação por mais quatro anos da Desvinculação de Receitas da União (DRU). O mecanismo permite ao governo utilizar livremente recursos carimbados, especialmente para a área social como educação e saúde.

Paulo H. Carvalho/CB - 4/12/07

> **"É POBREZA DE ESPÍRITO BATERMOS PARA REDUZIR A CARGA TRIBUTÁRIA? É POBREZA DE ESPÍRITO LUTARMOS CONTRA A GASTANÇA COM DINHEIRO PÚBLICO?"**
>
> *Senador Arthur Virgílio, líder do PSDB*

A estimativa é a de que, em 2008, o governo terá quase R$ 90 bilhões para usar como quiser. Na entrevista, Lula argumentou que a derrota da CPMF, prevista na mesma emenda que prorrogou a DRU, não foi falha nas articulações governistas, mas disputa eleitoral: "Alguns acharam que o presidente ia ficar muito forte e fazer o sucessor em 2010. Acho isso uma pobreza de espírito. Me dá pena", atacou.

Na conversa, o presidente disse ainda que não apresentará um pacote de medidas como solução para a perda dos R$ 40 bilhões de arrecadação da CPMF. Ontem, o governador da Bahia, Jaques Wagner, também avaliou que o governo não vai criar um novo imposto para compensar a falta do tributo. Para ele, o que deve ocorrer são cortes nas obras de infra-estrutura. "Como não acredito que haja diminuição dos programas sociais, acho que os cortes vão ser feitos nas obras de infra-estrutura previstas", analisou.

CORREIO BRAZILIENSE 22 DEZ 2007